

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

## **COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA E EDUCAÇÃO PARA A PAZ: FERRAMENTAS DE DIÁLOGO PARA EDUCADORES DO MUNICÍPIO DE BRUSQUE/SC NO PÓS PANDEMIA<sup>1</sup>**

### **NON-VIOLENT COMMUNICATION AND EDUCATION FOR PEACE: DIALOGUE TOOLS FOR EDUCATORS IN THE MUNICIPALITY OF BRUSQUE/SC IN THE POST-PANDEMICS**

Francine Michele Rita  
[francinemichele@gmail.com](mailto:francinemichele@gmail.com)

Cassiane Dagani  
[cassianedagani@gmail.com](mailto:cassianedagani@gmail.com)

Everaldo da Silva  
[prof.evesilva@gmail.com](mailto:prof.evesilva@gmail.com)

#### **Resumo:**

Este artigo objetiva analisar as inter-relações entre a Comunicação Não Violenta e Educação para a Paz à luz da BNCC. Recorre-se à fundamentação bibliográfica a fim de refletir sobre suas conexões e possibilidades de uso enquanto ferramentas voltadas à cultura de paz nas escolas de Brusque-SC. Apresenta-se indicações do que orienta a BNCC a respeito da construção de caminhos possíveis de diálogo em ambiente escolar, a partir do desenvolvimento de competências. Evidencia-se também sobre os elementos da Educação para a Paz e componentes da Comunicação Não Violenta que sirvam de base para propor, nas escolas de Brusque-SC, capacitação docente que sustente a criação de atividades voltadas à cultura de paz nestes ambientes.

**Palavras-chave:** Comunicação Não Violenta - CNV. Educação para a Paz. BNCC.

#### **Abstract:**

This article aims to analyze the interrelationships between Non-Violent Communication and Education for Peace in the light of the BNCC. The bibliographical foundation is used in order to reflect on their connections and possibilities of use as tools aimed at the culture of peace in schools in Brusque-SC. Indications of what guides the BNCC regarding the construction of possible paths of dialogue in the school environment, based on the development of competences, are presented. It also highlights the elements of Education for Peace and components of Non-Violent Communication that serve as a basis for proposing, in schools in Brusque-SC, teacher training that supports the creation of activities aimed at a culture of peace in these environments.

**Keywords:** Non-Violent Communication - CNV. Education for Peace. BNCC.

---

<sup>1</sup> O estudo foi realizado mediante a conclusão do curso de pós-graduação em “Educação e Segurança Humana”, realizado pela Secretária de Educação de Santa Catarina (SED/SC) e financiado pelo programa UNIEDU. Bolsista do Curso Direcionado de Especialização em Educação e Segurança Humana do Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina, com recursos do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior – UNIEDU/FUMDES.

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz**: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

## 1. INTRODUÇÃO

A violência, em suas mais variadas manifestações, notoriamente, tem sido um dos mais preocupantes temas da vida cotidiana neste século. Se percebe, por toda a parte, das mídias sociais aos espaços de trabalho, das salas residenciais às salas de aula, o quanto o tema gera debates, inferências e tomadas de decisão ante à possibilidade de se fazer o máximo para mitigar a violência e suas resultantes.

Como se este não fosse um desafio de proporções incomensuráveis, há mais de um ano e em vertiginosa escala global, estamos vivenciando uma pandemia de Coronavírus, que se convencionou denominar de COVID – 19, usando as iniciais da expressão inglesa ‘*CO*rona *VI*rus *D*isease’, e da terminação numeral do ano de 2019, por se tratar do ano em que os primeiros casos foram detectados mundialmente.

Diante do impacto real da pandemia Covid - 19 na vida global, entende-se ser necessário observar tanto a Comunicação Não Violenta quanto a Educação para a Paz enquanto possíveis instrumentos de acolhimento e cuidado, e de que maneiras poderão ser amplamente difundidos e assimilados culturalmente, principalmente, nos espaços educacionais públicos, quando as circunstâncias de risco e contaminação estiverem em índices infinitamente menores que os atuais, indicando que encontra-se no aspirado momento de pós pandemia. Supõe-se, com isto, que o pretense, futuro e gradativo retorno à normalidade possível, condicionada a rigorosos protocolos de segurança nas escolas públicas da cidade de Brusque/SC, possivelmente trará novos desafios, tanto aos educadores quanto aos educandos.

Sendo assim, reflete-se, acima de tudo, sobre quê, ferramentas simples, democráticas e econômicas poderão ser utilizadas a fim de contribuir com o diálogo entre estes personagens do ambiente escolar no momento futuro, visto que é notório o desgaste emocional provocado por este fenômeno em toda a sociedade.

Este artigo tem como tema a Comunicação Não Violenta e Educação para a Paz: ferramentas de diálogo para educadores no município de Brusque/SC no pós pandemia e, como tal, busca perceber as distintas maneiras possíveis de agrega-las enquanto conhecimento no cotidiano escolar.

Quer-se, com este estudo, apresentar as inter-relações entre a Comunicação Não Violenta e a Educação para a Paz, de forma a que estas sirvam de aporte para o diálogo subsidiado pelos educadores (as), tão urgente e necessário na retomada da vida em comunidade escolar, diga-se, na

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz**: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

transição entre o momento pandêmico e um novo estado a surgir decorrente das aprendizagens que, humildemente, obtivermos como resultado.

Enquanto objetivo geral, pretende-se analisar as inter-relações entre a Comunicação Não Violenta e a Educação para a Paz enquanto ferramentas de diálogo ao alcance dos educadores da rede pública de Brusque – SC no pós pandemia. Para tanto, buscou-se identificar os componentes essenciais da Comunicação Não Violenta e da Educação para a paz, associando-os, brevemente, entre si.

De igual maneira, pretendeu-se destacar a hipótese que a BNCC – Base Nacional Comum Curricular pode orientar no tocante à cultura de não-violência na educação fundamentada em competências. E, seguindo o mesmo propósito, apresentar elementos teóricos que apontem para a adoção, enquanto ferramentas de diálogo, da Comunicação Não Violenta e da Educação para a Paz por educadores da rede pública de Brusque – SC.

Com o intuito de levantar informações para a elaboração deste estudo, tratou-se de usar de métodos de coleta de dados bibliográficos que possibilitassem diferentes olhares sobre os conceitos-chave deste artigo. Sendo assim, quanto aos objetivos, optou-se, inicialmente por uma Pesquisa Exploratória, sabendo-se que, em grande parte este tipo de investigação é constituída de levantamento ou entrevistas, assumindo, em geral, a forma de pesquisa bibliográfica. (GIL, 2008). Além desta perspectiva, o mesmo autor sugere que a pesquisa exploratória ainda ofereça análises de exemplos que colaborem e estimulem a reflexão e compreensão.

Seguindo neste raciocínio, já quanto aos procedimentos técnicos, escolheu-se trabalhar com uma pesquisa bibliográfica, que segundo Lakatos e Marconi (2003) é aquela baseada em materiais disponíveis já elaborados sobre o tema, em forma de livros e artigos científicos. E, para buscar compreender como se apresentam outras informações tangentes a este estudo, optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa, visto que a mesma opera com um conjunto de valores, atitudes, motivos e significados que “corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. (MINAYO, 2001, p. 14).

Ao escolher por desenvolver este tema, buscou-se uma reflexão propositiva, à luz da associação entre conceitos que apontem para caminhos possíveis, e não para utopias generalistas. A razão de conceber um trabalho acadêmico que correlacione ferramentas de diálogo e acolhimento, oriundas ou não do campo da Educação, se dá pela oportunidade de rever as trajetórias pessoais que nos trouxeram até aqui. A formação acadêmica da autora no campo das Relações Públicas, contribui

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz**: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

enormemente para que possamos buscar interpretar tanto os elementos que constituem a Comunicação Não Violenta quanto a Educação para a Paz.

Ao passar por uma formação humanística durante a graduação, nos foi possível assimilar que o homem se educa por toda a vida, mas que o uso da comunicação como forma de estabelecer, manter e reestabelecer vínculos sociais começa, muito possivelmente e de maneira decisiva, na escola. Entende-se ser de suma importância reunir estes pressupostos, ainda que teóricos e que não se esgotam neste momento de formação continuada, a fim de que possamos, humildemente, apontar situações de diálogo que façam uso destas ferramentas, no âmbito do tratamento entre educadores e educandos.

Para efeito de melhor organização de ideias, este artigo se encontra subdividido em quatro seções, contemplando, primeiramente, a Introdução, onde se apresenta o tema, objetivos e justificativa, além de destacar os procedimentos metodológicos usados na elaboração da presente pesquisa. Na sequência, apresenta-se o Referencial Teórico alinhando os fundamentos da BNCC, da Educação para a Paz e da Comunicação Não Violenta. Em seguida, a Análise dos Dados, as Considerações Finais, encerrando com apresentação das Referências.

## **2. BNCC – BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR**

A fim de sustentar o discernimento da legislação vigente no campo da Educação, a qual aponta para as competências a serem desenvolvidas em contexto educacional, recorre-se à Base Nacional Comum Curricular – BNCC, regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) - Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. (BRASIL, 1996).

A BNCC é o instrumento norteador de toda a Educação Básica no país, subsidiando um conjunto de aprendizagens essenciais, dentre as quais se inserem elementos que vão além dos conteúdos disciplinares. De fato, nela, encontra-se uma série de conteúdos éticos e sócio-relacionais desdobrados em competências e habilidades. Estas últimas, sob orientação de educadores capacitados, irão implicar no precoce embate às resultantes das desigualdades sociais, nitidamente expostas na vida em ambiente escolar.

Presume-se, sobretudo, que isso se acirre mediante a constatação, num futuro breve, dos resultados dos impactos emocionais da Pandemia sofridos por todos os sujeitos em questão e que, ainda, não se tem pleno domínio.

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz**: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

Observa-se, inclusive, que a percepção integral do ser humano consta do referido documento e é plenamente sugerida aos educadores como ponto de partida para as trocas em sala de aula. Para tanto, este olhar integral da figura do aluno se faz crucial na interpretação das realidades tão díspares que os afetam, na mesma medida que colabora com a humanização do processo ensino-aprendizagem.

Buscando corroborar o que foi exposto, recorre-se à própria BNCC.

A Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação. (BRASIL, 2018, p.7).

A BNCC tem caráter normativo e está voltada exclusivamente à educação escolar. O que define legalmente este caráter é o parágrafo 1º, do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei no 9.394/1996). Este caráter está orientado por uma série de princípios, tanto éticos quanto políticos e estéticos, vislumbrando integralmente a formação humana e o desenvolvimento de uma sociedade, como se fundamenta nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN), no mesmo documento.

Dentro do que orienta a BNCC, verifica-se a disposição de elementos pedagógicos que ultrapassam os obstáculos à absorção dos saberes por parte dos alunos e alunas. A estes elementos atribui-se a denominação de competências, as quais podem e devem ser trabalhadas pelos educadores no decorrer de todas as atividades pedagógicas. Esta orientação por competências transita entre aquelas exigidas para um convívio social harmônico e aquelas que sustentam o desenvolvimento dos estudantes na consecução de sua escolarização, preparando-os não apenas para o trabalho, mas para a vida. Como se observa, na BNCC a:

competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BRASIL, 2018, p.8).

Com objetivo de estimular que os conhecimentos adquiridos na trajetória educativa dos alunos e alunas estejam balizados em valores que objetivam a transformação da sociedade, destaca-se neste momento as dez Competências Gerais da Educação Básica.

Vale considerar que tomou-se o fragmento citado anteriormente da BNCC como norteador para uma observação mais próxima da realidade comum às diferentes fases da Educação e que ela

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz**: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

contemple, em âmbitos gerais, competências que preparem os estudantes para a vida, não apenas para o mundo do trabalho, como destacado anteriormente. Portanto, ao citar as Competências Gerais da Educação Básica, notadamente as cinco últimas, não se tem interesse ou pretensão de situar este estudo no campo de uma ou outra etapa formativa específica, a exemplo da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, ao contrário.

Compreendendo que todas elas são de vital importância para colaborar com a construção de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores por parte dos educandos, evidenciou-se neste estudo às últimas cinco competências descritas, que, por sua vez, em muito se relacionam com a Comunicação Não Violenta e a Educação para a Paz.

Nelas, a empatia, o respeito à diversidade e às diferenças, o ouvir, o auto-conhecimento e o saber emocionar-se, apenas para citar alguns exemplos, estão nitidamente destacadas, desfocadas do caráter disciplinar e tecnicista das anteriores. Como forma de subsidiar fundamentos que corroborem e sustentem esta pesquisa, buscou-se evidenciar, a seguir, alguns elementos que as constituem.

Começando pela quinta das Competências Gerais da Educação Básica (BRASIL, 2018, p. 9-10), dispostas no quadro explicativo da BNCC, tratou-se de associar a utilização de elementos tecnológicos a uma postura crítica de comunicação. Esta forma de pensar a comunicação está embasada em aspectos reflexivos, portanto éticos, que contribuem, em suma, com o desenvolvimento de protagonismo quando em vida social, notadamente, em ambiente escolar.

Por sua vez, a sexta competência geral apontada no documento põe em evidência, entre outras coisas, a cultura, a diversidade, a liberdade e, por fim mas não menos importante, a cidadania.

Compreende-se, assim, que sua observação e valorização aportam criticidade e autonomia ao fazer social, incluindo nelas as escolhas de futuro, diga-se, as relações do mundo trabalho e a responsabilidade por tais rumos.

Já, no tocante à sétima Competência Geral da Educação Básica, se percebe enaltecida a questão dos direitos humanos. A atitude de respeito à questão socioambiental e à tomada de consciência responsável frente ao consumo também são colocadas em evidência na formação escolar dos sujeitos, favorecendo a construção de sua ideia de mundo e de seu protagonismo nele.

Dando sequência, questões associadas ao campo do autoconhecimento e da autocrítica estão presentes na oitava competência geral da Educação Básica. Nota-se, também, a inclusão da preocupação com a compreensão das emoções, principalmente no que se refere à relação com os outros e seu contexto.

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

Finalizando esta parte, destaca-se que às duas últimas Competências Gerais da Educação Básica, as quais trazem à tona uma série de capacidades a serem desenvolvidas pelo ser humano no decorrer de sua jornada de vida, merecem dedicada atenção e especial cuidado durante os anos de formação escolar básica. Dentre elas, e fazendo uma correlação com o propósito deste artigo, se encontra o exercício persistente que deve ser proposto aos estudantes de abrir-se ao diálogo, tendo o respeito como campo de domínio.

A contemplação do outro, colocando-se em seu lugar, permite mitigar embates ou posicionamentos violentos que nascem, muitas vezes, da própria ignorância e da falta de interesse em conhecer ou dar-se conhecer. Notadamente, o acolhimento e a valorização do universo do outro, incluindo suas dores, gostos e sucessos, possivelmente crie um espaço de diálogo propositivo entre educadores e educandos, oportunizando, entre tantas outras coisas, uma Cultura de Paz.

Por todos estes motivos, acredita-se que estes cinco destaques entre as Competências Gerais da Educação Básica são realmente relevantes, principalmente quando se objetiva promover diálogos entre indivíduos com diferentes papéis hierárquicos, responsabilidades e interpretações da realidade. De igual forma, sua relevância se amplifica quando se busca estabelecer a adoção de ferramentas metodológicas que os sustentem. Ainda sobre competências aplicadas a instrumentalizar o suporte de conhecimentos e experiências para escolhas de vida e para o trabalho, indica-se na BNCC aquilo que

os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, o que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC. (BRASIL, 2018, p. 13).

Conforme mencionado, sobre o compromisso com a educação integral exposto na BNCC, salienta-se o quanto a percepção de si, em seu meio, e dos outros, contextualizados e em plena troca de saberes, promove o desenvolvimento de competências. Estas, sem dúvida, precisam fazer frente às exigências contemporâneas da sociedade, que agregam inovação em meio a um turbilhão de habilidades, grande parte delas, de cunho comunicativo.

Assim, ressalta-se que, de acordo com a BNCC, para dotar indivíduos, durante sua formação escolar, de olhares e posturas colaborativas, críticas, criativas, socialmente justas e ambientalmente responsáveis, exige-se mais do que acumular credenciadas informações e, muito mais ainda, do que apenas possibilitar uma interação destes com o mundo, calibrando suas lentes e corações.

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz**: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

Nesse sentido, é necessário garantir, ~~no entanto~~, que no processo de seu crescer, estejam interagindo com outros sujeitos e contextos, interagindo, colaborando, trocando saberes e experiências. Dentre estes sujeitos, estão em plano de destaque os educadores, dos quais se espera que estejam capacitados a provocar nos estudantes o desenvolvimento de competências e habilidades em transformação constante, afinal, "ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo". (FREIRE, 1987, p.39).

Neste mesmo sentido, acredita-se que a BNCC também traga ao cotidiano escolar a necessidade de integração entre os universos presenciais e não-presenciais, visto que, notoriamente, os estudantes convivem diuturnamente com mecanismos digitais e com interações em ambientes online. Para dar luz ao exposto, compreende-se que o que se fomenta ao desenvolver competências plurais é que o estudante possa

aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades. (BRASIL, 2018, p. 14).

Seguindo estes parâmetros norteadores, entende-se que a Educação Básica no país deva estar orientada à compreensão da complexa responsabilidade de formar novos seres humanos, ultrapassando modelos de pensamento reducionistas e dicotômicos. Para além disso, a BNCC expõe que os sujeitos da aprendizagem precisam ser percebidos integralmente, acolhendo suas singularidades e diversidades, considerando todas as possibilidades de seu desenvolvimento pleno.

Segundo o que se encontra orientado na BNCC, objetiva-se que a escola seja um espaço democrático e inclusivo, contemplando sujeitos, seus contextos, trajetória de vida e suas naturezas. (BRASIL, 2018).

E, finalizando esta parte conceitual introdutória, é possível reconhecer o contributo do conjunto de orientações da BNCC para o balizamento de comportamentos por parte de educadores e escola, diante da necessidade premente de fomentar diálogos e acolhimentos quando do regresso à cotidianidade nas escolas de Brusque.

Na sequência, será apresentada uma recolha conceitual relativa à Educação para a Paz que colabora para a fundamentação deste artigo.

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz**: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

### 3. A EDUCAÇÃO PARA A PAZ

A Educação para a Paz é um movimento educacional, não restrito às entidades educacionais, surgido no início do século XX como um dos reflexos do movimento Escola Nova. Ele foi articulado por educadores e pensadores norte americanos, europeus e brasileiros, envolvendo os domínios da pedagogia, sociologia, antropologia, desenvolvimento e direitos humanos. (JARES, 2005). Este grupo de idealizadores buscava imprimir uma renovação do ensino, compreendendo-o como uma necessidade social em que ampliasse a noção de Paz e mitigasse a prática da violência, observando os conflitos de forma positiva e propositiva. (JARES, 2002).

No entanto, em meados de 1960, século XX a Educação para a Paz, já adotada pela UNESCO como ferramenta metodológica de estímulo à confrontação do conflito de forma não violenta, ganhou influências das teorias gandhianas e das abordagens de Paulo Freire sobre Educação.

Quando cita-se os princípios educativos gandhianos, objetiva-se remeter tanto à firmeza na verdade, quanto à ação sem violência, porquanto inegociáveis que são na confrontação das adversidades nas relações sociais, entendendo-se inclusive, que são “duas faces da mesma moeda, sendo impossível separar uma da outra”. (GANDHI, 1988, p.121).

Em definição, para que o presente estudo se sustente conceitualmente, compreende-se que a Educação para a Paz

é um processo educativo, contínuo e permanente, fundamentado nos dois conceitos fundadores (concepção de paz positiva e perspectiva crítica do conflito), que, pela aplicação de métodos problematizantes, pretende desenvolver um novo tipo de cultura, a cultura de paz, que ajude as pessoas a entender criticamente a realidade, desigual, violenta, complexa e conflituosa, para poder ter uma atitude e uma ação diante dela. (JARES, 2007, p.45).

Avançando para a década de 80 do século XX, a Educação para a Paz (JARES, 2005) passa a ser um adotada em vários cantos do mundo como instrumento, ou melhor, como ferramenta que propulsiona outros movimentos voltados ao combate da violência nas relações, mais ainda, nos ambientes formadores, em especial, nas escolas. Quando se pensa em Educação para a Paz, imediatamente se remete, em oposição, à ideia que se têm, dentro do senso comum, de violência, afinal “analisar a paz implica analisar a violência, o que permite abordar mais aspectos do conceito de paz e também realizar escolhas mais conscientes. (GALTUNG, 1985 apud SOUZA, 2007, p. 136).

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz**: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

Nesta perspectiva, quer-se afirmar que “a violência tende a suprimir o conflito apontando para a eliminação do adversário. A violência é um meio, o conflito, um estado”. (SÉMELIN, 1983, p.44 apud JARES, 2007, p.35).

De igual maneira, percebe-se, notoriamente, que em nossa sociedade, as ideias de agressividade e violência ainda seguem intimamente relacionadas, como se fosse impossível dissociá-las. No entanto, ao contrário do que se possa pensar, “da inevitabilidade da agressividade não se deriva a inevitabilidade da violência”. (ETXEBERRÍA, 1985, p.35 apud JARES, 2007, p.36).

Isto quer dizer que, diante de ser impossível evitar a agressividade, por sua natureza humana insondável, pode-se evitar, por escolha, por estratégia, por bom senso, enfim, atuar com violência. A ideia de violência, sobretudo, é pensada na Educação para a Paz com certa distinção, também, de agressividade, visto que a

agressividade é parte de uma conduta humana, não negativa em si mesma, mas positiva e necessária como força para a auto-afirmação, física e psíquica, do indivíduo e/ou do grupo e especialmente configurada pelos processos culturais de socialização. A violência não é sinônimo de agressividade. (VAN RILLAER, 1977, p.20-27 apud JARES, 2007, p.36).

Vale salientar ainda que, parte do modelo balizador do movimento Educação para a Paz, crítico, conflituoso e não-violento, está centrado nos conceitos tanto de “paz positiva quanto da perspectiva criativa do conflito” (JARES, 2007, p. 31), onde a violência não é vista como sinônimo de conflito e, sim, como apenas uma das muitas formas escolhidas pelos sujeitos de resolvê-lo. Abre-se, assim, uma janela ao diálogo, ao pensar juntos, à contemplação do outro, ao cuidado com o outros, assim como sugere e sustenta Boff (1999).

Entende-se que estas predisposições possibilitam novas formas ou métodos de escuta e de fala, de comunicação que humanize, de um fazer social onde o conflito possa ser visto como gerador de oportunidades para todos os envolvidos nele. Mais ainda, que através do conflito observado de maneira não-violenta, se revelem ou sejam elucidadas situações que podem, por meio da comunicação, encontrar resoluções plausíveis e plenas. Observe-se a seguir:

O diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo podemos dizer o mundo sendo nosso modo de ver. O diálogo implica uma práxis social, que é o compromisso entre a palavra dita e a nossa ação humanizadora. Essa possibilidade abre caminhos para repensar a vida em sociedade, discutir sobre nosso ethos cultural, sobre nossa educação, a linguagem que praticamos e a possibilidade de agirmos de outro modo de ser, que transforme o mundo que nos cerca. (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008, p.130).

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz**: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

Mais um vez, o cuidado aparece como característica essencial do fazer humano, isto é, como forma de propiciar transformações diuturnamente, não apenas em âmbito pessoal, mas coletivo. É o que indica Boff quando explicita sobre o cuidado, conforme segue:

Nesse sentido, não se trata de pensar e falar *sobre* o cuidado como objeto independente de nós. Mas de pensar e falar a partir do cuidado como é vivido e se estrutura em nós mesmos. Não temos cuidado. *Somos* cuidado. Isto significa que o cuidado possui uma dimensão ontológica que entra na construção do ser humano, É um modo-de-ser singular do homem e da mulher. Sem cuidado deixamos de ser humanos. (BOFF, 1999, p.89).

Como se percebe, ao cuidar, se educa. E ao se educar, na atitude e na ação, se repudia todo pensamento e atitude que não se baseiem, em essência, neste cuidado. Segundo orienta Boff, (1999) a cultura de paz advém de uma cultura de cuidado, de contemplação da relação com o outro e com o meio.

A paz só pode se estabelecer quando o cuidado de uns para com os outros substitui a suspeita, o preconceito e o medo, que, segundo Freud, é a origem secreta de toda violência. (...) A cultura da paz começa quando se cultiva o cuidado com todos os seres e têm-se vivo na memória o exemplo de figuras que representam a generosidade que nos habita, como Gandhi, Dom Helder Câmara, Betinho, Luther King e outros. (BOFF, 1994, p. 94 apud CÉZAR, 2011, p. 75).

Dando sequência, já no tocante à Educação para a Paz e sua aplicação enquanto metodologia em âmbito escolar, recorre-se a Jares para sustentar que:

ante a violência não cabem posições ambíguas nem tolerantes, muito menos nos espaços educativos. Em outras palavras, o sistema educacional, como espaço de aprendizagem e convivência, deve fornecer os instrumentos necessários à aprendizagem de uma cultura de paz e não-violência oposta a qualquer forma de fundamentalismo, ainda que este se refugie em supostos direitos culturais. (JARES, 2007, p.12).

A Educação para a Paz, portanto, tem sido um dos caminhos para a promoção da ampliação de condições que objetivem o convívio mais harmônico entre os diferentes papéis e graus hierárquicos que compõem o universo escolar. Mais do que um modelo a ser seguido cegamente, a Educação para a Paz quer servir como uma metodologia que favoreça, de forma particularizada, a educação em valores.

Para tanto, é essencial rejeitar toda a educação que embrutece e atrofia os valores humanos, que transforma o ser humano em mais uma engrenagem da máquina social, que reprime e impõe limites à inteligência. Buscar e recuperar práticas educativas que alavanquem a compreensão, a liberdade individual, a autonomia, o desenvolvimento progressivo da personalidade da criança: eis as metas de todos aqueles que vislumbram um caminho de paz para a humanidade. (PIMENTA, 2018, p.85).

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz**: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

Quando busca-se apontar a Educação para a Paz enquanto estímulo comunicativo para o convívio entre os diferentes, pretende-se também sugerir que, para muito além de um modelo de pensar a escola e, nela, os sujeitos, ela possa ser uma ação integralizadora, ousada e inspiradora. É isto que sugere Serrano, quando aponta que “a Educação para a Paz está relacionada a valores e atitudes, ao modo como se gera e/ou se comunica o conhecimento e como estimula os estudantes a serem ativos em vez de passivos”. (SERRANO, 2002, p.93).

Compreende-se que a Educação para a Paz seja um esforço por unir atitude e ação, numa busca por gerar comportamentos que se intensifiquem em uma relação de aprendizados mútuos, seja do lado docente, seja do lado do educando. Além de ação e de pensamento propositivo, a Educação para a Paz quer favorecer relações onde a ética seja a tônica transformadora.

A concretização da relação requer esse caminhar em direção ao outro, saber se ligar ao outro com respeito à sua individualidade, às diferenças; na abertura ao diálogo e na corresponsabilidade, sem perder a própria individualidade. Dentro desse processo relacional ocorre também o conflito, as tensões próprias da convivência, mas que podem ser orquestrados a partir da comunicação dialógica. Não é possível efetivar a paz sem a ética nas relações. (CÉZAR, 2011, p. 73).

Assim, conclui-se a parte deste estudo que apresenta os pressupostos teóricos sobre a Educação para a Paz, em seguida, será explanada com a mesma atenção e importância, a Comunicação Não Violenta.

#### **4. COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA**

Buscando compreender os fatores que afetam a capacidade humana de manter a compassividade, mesmo diante das piores situações, o psicólogo americano Marshall B. Rosenberg percebeu, em 1963, o quanto a comunicação, principalmente nas ações de falar e ouvir, desempenhava um papel crucial nos relacionamentos, tanto no acirramento dos conflitos, na geração de mágoas, quanto no caminho para a não-violência.

Destarte, e ao longo de anos de pesquisa em Psicologia Clínica, o pesquisador desenvolveu um sistema que reformula a capacidade pela qual o ser humano se expressa e ouve. A este processo denominou Comunicação Não Violenta (CNV) que, ao contrário do que se pode imaginar, não trás nada de novo, segundo o seu idealizador. Observe-se:

[...] tudo o que foi integrado à CNV já era conhecido havia séculos. O objetivo é nos lembrar do que já sabemos – de como nós, humanos, deveríamos nos relacionar uns

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz**: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

com os outros – e nos ajudar a viver de modo que se manifeste concretamente este conhecimento. (ROSENBERG, 2006, p.24)

A CNV oferece uma estrutura básica de pensamento que facilita a abordagem de problemas gerados nas interações humanas, principalmente, aqueles que decorrem de rótulos desumanizadores presentes em ideias plenas de preconceito, ignorância e medo, manifestadas no cômputo da comunicação, nos mais diferentes campos do relacionamento. (LIMA E NASCIMENTO, 2019).

A Comunicação Não Violenta está fundamentada em quatro componentes que funcionam como princípios orientadores: a observação, o sentimento, a necessidade e o pedido. Resumidamente, parte-se do ato de observar as ações envolvidas no processo de comunicação sem julgamento ou avaliação, mas de forma atenta, buscando situar aquilo que se ouve ou se fala dentro de um contexto ideal. (ROSENBERG, 2006).

A partir da observação daquilo que se fala e se ouve, trata-se de identificar os sentimentos que dela resultam, reconhecendo que necessidades estão atreladas a este sentir e quais são as reações contempladas.

Por último, passa-se a traduzir ou expressar, de forma objetiva e natural, o que se quer pedir ao interlocutor, o que necessita que dele parta. O autor sustenta que isto possa, em essência, transformar a compreensão em convívio mais harmônico e pacífico, possibilitando aprendizagens mútuas. Esta sequência de expressões se dá, alternadamente, envolvendo os dois lados da comunicação, colaborando com um estado manifesto de compassividade. (ROSENBERG, 2006).

Vendo por este viés, percebe-se que a CNV não vem a ser uma fórmula, mas, sim, um processo de adaptação do comportamento frente à situações provocadas pela diferença de ideias, estilos e culturas entre as pessoas, as quais podem estar em confronto, também, com outras ideias, estilos e culturas. A atenção principal deste esforço está voltada para a tomada de consciência dos quatro componentes essenciais da CNV já citados e não, necessariamente, às palavras que são trocadas com os outros. (LIMA E NASCIMENTO, 2019).

Rosenberg (2006) identificou também uma forma de linguagem específica que possibilita o desencadear de situações de confronto violento de ideias, a qual denominou de ‘comunicação alienante da vida’. Esta forma de comunicação está impregnada de julgamentos moralizadores, amalgamada à pretensas formulações sobre o certo e o errado, classificando e dicotomizando pessoas e suas ações. Veja-se:

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz**: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

Tais julgamentos aparecem em frases como: 'O teu problema é ser egoísta demais', 'Ela é preguiçosa', 'Eles são preconceituosos', 'Isso é impróprio'. Culpa, insulto, depreciação, rotulação, crítica, comparação e diagnósticos são todas formas de julgamento. (ROSENBERG, 2006, p. 42).

A fim de exemplificar estes equívocos na comunicação, o autor acima mencionado destaca ainda, que não se deve confundir o juízo de valor com os julgamentos moralizadores, fato que segundo o mesmo, desperta e acirra o conflito. Para compreender este raciocínio, aborda-o como se sugere a seguir:

Todos fazemos juízos de valor sobre as qualidades que admiramos na vida; por exemplo, podemos valorizar a honestidade, a liberdade ou a paz. Os juízos de valor refletem o que acreditamos ser melhor para a vida. Fazemos julgamentos moralizadores de pessoas e comportamentos que estão em desacordo com nossos juízos de valor. Por exemplo: 'a violência é ruim; pessoas que matam outras são más. (ROSENBERG, 2006, p.44).

Outra circunstância surpreendente da CNV é que não se faz necessário que as pessoas envolvidas no processo de comunicação a conheçam profundamente ou se encontrem em um estado motivado em direção à compassividade.

Se nos ativermos aos princípios da CNV, motivados somente a dar e a receber com compaixão, e fizermos tudo que pudermos para que os outros saibam que esse é o nosso único interesse, eles se unirão a nós no processo, e acabaremos conseguindo nos relacionar com compaixão uns com os outros. (ROSENBERG, 2006, p. 25).

Na perspectiva de melhorar as condições das relações e sua possibilidade de gerar aprendizagens para ambos os lados da comunicação, a CNV se apresenta como um pensar individual aberto ao outro, à busca pela compreensão mútua que sustente tanto ambientes, quanto relacionamentos com a intenção clara de promover sem medo, o crescimento comum.

Sendo assim, na sequência, serão apresentados os resultados do presente estudo que propõe sugerir atividades que poderão, em um futuro breve, ser oportunizadas e desenvolvidas nas escolas públicas de Brusque - SC, valendo-se das reflexões sobre os conceitos ora descritos.

## **5. ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Diante do tão esperado, mas ainda incógnito pós-pandemia, momento de maior estado de segurança que possibilite o regresso às situações letivas presenciais, presume-se que tanto educadores, equipes pedagógicas e educandos poderão vir a apresentar diferentes níveis de estresse decorrentes do momento vivido. As significativas perdas que todos tiveram enquanto sociedade,

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz**: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

poderão suscitar animosidades, situações de conflito e violência entre os sujeitos, as quais, possivelmente, exigirão um preparo especial da comunidade escolar para geri-los.

No que tange à comunicação, uma das características humanas fundamentais, pretende-se, à luz da CNV e em concordância com o que orienta a BNCC, sugerir atividades a serem propostas dentro do ambiente de ensino que promovam a abertura ao diálogo, à resolução pacífica dos conflitos e, como algo a ser perseguido, uma cultura de paz.

Observando o que sugere Rosenberg (2006), pequenas ações podem alcançar consideráveis resultados de engajamento e de aproximação entre os diferentes, ainda que as impactantes mudanças advindas da Pandemia se apresentem enquanto desafio cotidiano. Sendo assim, presume-se que a adoção, no cotidiano escolar de Brusque, de mobilizações embasadas nos quatro componentes da Comunicação Não Violenta (observação, sentimento, necessidades e pedido) venham a sugerir trilhas de Educação para a Paz.

Através de mecanismos de interação, como a ludicidade, o jogo, a brincadeira, por exemplo, pode-se contribuir para o desenvolvimento de competências e habilidades que manifestem o abrandamento dos relacionamentos interpessoais, os quais, embora se encontrem tensos, por natureza ou por força das circunstâncias, tendem a ser menos violentos quando a compassividade, segundo Rosenberg (2006), favorece aprendizagens amplas e mútuas.

Ainda que seja difícil discernir para onde apontarão as transformações que estão sendo vivenciadas durante a pandemia, a presunção da incerteza futura pode ser uma estratégia de antecipação aos conflitos, caso a comunidade escolar possa ser capacitada a interpretar tal realidade através do processo de CNV.

Dentre as ações decorrentes de uma hipotética e futura capacitação dos educadores em CNV, na qual se propõe sugestões com base nos conceitos ora apresentados, e que possam ser desencadeadas dentro do ambiente escolar, recomenda-se, primeiramente, criar uma atividade que busque compreender o que é a violência, ou a paz, entre os sujeitos naquele espaço. Esta ação pode ser desenvolvida através de um formulário impresso, entregue a todos os integrantes da comunidade escolar. Nele, dispõe-se uma lista de situações diversas, e se solicita que as pessoas marquem as alternativas/opções que entendem ser a expressão da violência ou da paz, numa escala de 1 a 3, sendo as mais representativas aquelas que obtiverem grau máximo.

De acordo com Ceccon (2009), as atribuições de juízo de valor resultantes estarão mais relacionadas com a idade, o gênero, a função e o grau de responsabilidade dos participantes. O

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz**: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

resultado da atividade deverá ser socializado por meio de cartazes colocados em lugares estratégicos dentro da unidade escolar, durante um determinado tempo, suficiente para que se observe as reações diante do exposto.

A retomada dos resultados poderá gerar outras atividades que apontem para circunstâncias preocupantes e que devam ser dialogadas, como sugere Rosenberg, a seguir:

Com frequência, não reconhecemos nossa violência porque somos ignorantes a respeito dela. Presumimos que não somos violentos porque nossa visão de violência é aquela de brigar, matar, espancar e guerrear – o tipo de coisa que os indivíduos comuns não fazem. (GANDHI, Arun In ROSENBERG, 2006, p. 3).

Em igual medida, a promoção de eventos internos a serem criados com temática propositiva para suscitar o diálogo como o *'dia do elogio verdadeiro'*, *'campanha fale baixo, por favor'*, *'dialogando sobre conflitos que acabaram bem'*, *'dia da paz'*, enfim, podem oportunizar a aplicação dos quatro componentes da CNV, além de envolver os aprendizados à ludicidade e à arte, como indica e orienta a BNCC.

Outro exemplo de atividade é o de buscar compreender o que significa e como se identifica o medo para a comunidade escolar. Diversos pontos de vista indicarão, possivelmente, as abordagens mais apropriadas para tratar, abertamente, destas concepções. Dialogar sobre o medo pode ser um caminho para diminuir sua influência sobre o estado de compassividade, afinal, não se pode construir a paz sobre os alicerces do medo, como orienta Jares (2002).

Por isto, o papel da Comunicação Não Violenta na construção de diálogos possíveis em ambiente escolar pode representar uma maneira de transformar o discurso em prática de maneira atenta, mas simplificada, impulsionando o pensamento de forma crítica e problematizadora, favorecendo repensar a contribuição no mundo, ou pelo menos, nas proximidades, meio em que se convive.

Importante destacar que a BNCC orienta que comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que um acúmulo de informações, ou seja, são competências a serem desenvolvidas durante a trajetória escolar básica que dependem, enormemente, de um processo cuidadoso de diálogos apontados para o despertar de habilidades socioemocionais que ajudem a formar um novo humano.

Corroborando o que apresenta a BNCC no tocante ao desenvolvimento de competências para a vida harmoniosa em sociedade, se entende ser de suma importância, em ambiente escolar, vir a trabalhar-se a Comunicação Não Violenta para

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz**: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

que se possa desenvolver no aluno a capacidade de ouvir o outro, de apoiar aquele que necessita, potencializando sua empatia e respeito ao próximo, minimizando conflitos na escola como as agressões físicas ou verbais, principalmente. (LIMA e NASCIMENTO, 2019, p. 8)

Outra possibilidade de atividade, são os concursos de redação inter-escolares pautados nos componentes da CNV, que desencadeiem abordar mais comumente sobre os temas que se relacionam, não só com uma ideia de não-violência, mas, como uma cultura de paz. Como bem orienta Rosenberg (2006), a CNV não se vale apenas das ações de falar e ouvir, mas de todas as formas de comunicação, ativa e passiva, que possam corresponder ao entendimento mútuo.

Com impacto semelhante, os festivais de música escolares (ou de paródias) podem revelar, em seu contexto, elementos a serem retomados e debatidos em sala de aula e em reuniões de pais e mestres. A criticidade presente nas letras das canções pode ser substancial para que se percebam diferentes posicionamentos diante da diversidade, do pertencimento, dos sonhos e ideias de futuro, bem como, da própria violência, manifestada em distintas dimensões.

A construção coletiva de cartilhas, com temática alusiva à não-violência, pode se constituir, mais do que no objeto, no processo de diálogo promissor sobre o tema e ideias afins. Ao invés de se entregar cartilhas prontas a serem usadas por educadores e alunos, construí-las coletivamente sugere encontrar tempo para as abordagens, para as revisões e reflexões, oportunizando um pensar coletivo sobre a violência, seus resultados e suas origens. Esta ação pode ser realizada com séries avançadas que deixam seu legado para as subsequentes, como forma de co-responsabilizar os educandos, a deixar um mundo melhor a partir de si e de suas experiências. (BRASIL, 2018).

Atividades como as sugeridas acima, entre tantas outras que poderão emergir de debates entre educadores e coordenações pedagógicas, levam a revelar predisposições ao cuidado, à empatia e à solidariedade, com indica a BNCC, reafirmando “a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo”. (BRASIL, 2018, p. 36).

Associando as ideias de Boff (1999) à concepção de que a não-violência subjaz na forma de como se interpreta o cuidado, compreende-se que a proposta da Comunicação Não Violenta, levada ao ambiente escolar, representa um caminho oposto ao descuido e ao descaso, visto que, conforme pode se observar a seguir:

Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. (BOFF, 1999, p.33).

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz**: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

Dentro desta perspectiva e apontando para a construção coletiva de uma cultura de paz, atividades positivas sob o viés da CNV podem repercutir em outras atitudes positivas, assim como bons exemplos repercutem em bons exemplos, culturalmente, favorecendo a predisposição ao diálogo, à harmonia e à aceitação entre os diferentes, criando alicerces para uma cultura de paz.

O diálogo tende a oferecer a ambiência potencial para que os pontos positivos, possam superar o que possa existir de não positivo, como orienta Rosemberg citando Gandhi:

A não-violência significa que venha à tona aquilo que existe de positivo em nós e que sejamos dominados pelo amor, respeito, compreensão, gratidão, compaixão e preocupação com os outros, em vez de o sermos pelas atitudes egocêntricas, egoístas, gananciosas, odiantas, preconceituosas, suspeitosas e agressivas que costumam dominar nosso pensamento. (GANDHI, apud ROSENBERG, 2006, p. 4).

Por fim, valendo-se das fundamentações explanadas, objetiva-se a adoção por parte das escolas das sugestões acima elencadas, que por meio da capacitação dos educadores ao diálogo, como aponta a CNV e a BNCC, possam contribuir em grande medida para a instauração de uma Cultura de Paz nos ambientes escolares de Brusque e entre seus atores no pós-pandemia, mitigando contextos e gatilhos de violência que partam, ou surjam, das reações ao contexto histórico que, ora, vivencia-se e que a comunicação se apresente como um caminho tão possível quanto desejável para tanto.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme a pesquisa apresentada, percebe-se uma estreita relação entre a Educação para a Paz e a Comunicação Não Violenta, reforçada pelo que orienta a BNCC.

A inferência supracitada, por meio de uma retomada bibliográfica dos conceitos que fundamentam a pesquisa, indicou pertinências relativas ao objetivo deste trabalho que era de analisar as inter-relações entre a Comunicação Não Violenta e a Educação para a Paz enquanto ferramentas de diálogo ao alcance dos educadores da rede pública de Brusque – SC, no pós pandemia.

Nesse sentido, a partir de todos os conceitos trazido a baila, observou-se que a Educação para a Paz e a Comunicação não violenta são importantes ferramentas de diálogo e desenvolvimento entre docentes e discentes.

No presente estudo, evidenciou-se também o que orienta a BNCC no tocante à cultura de não-violência por meio do desenvolvimento de competências e, apresentou-se elementos teóricos

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

que apontassem para a adoção, enquanto ferramentas, da metodologia Comunicação Não Violenta e da Educação para a Paz na comunidade escolar de Brusque.

Não se pode negar, que a Pandemia trouxe inúmeras transformações na vida em sociedade e no tocante ao foco do presente estudo, a educação, muitas adaptações foram feitas e vilumbra-se que muitas medidas ainda deverão ser adotadas com o decurso do tempo. Nesta senda, destaca-se a extrema importância da adoção de metodologias e diálogos que propiciem a boa convivência, a manutenção e retomada de alguns conceitos básicos como compreensão, respeito ao próximo, empatia, com o intuito de afastar quaisquer atitudes de cunho agressivo, objetivando instaurar um ambiente de boa convivência.

Em que pese as incertezas decorrentes da Pandemia, e também as constantes dúvidas em relação ao futuro da Educação, importante destacar que a capacitação dos docentes para o desenvolvimento de suas práticas educativas deve ser constante. Ressalta-se conforme destacado no decorrer da pesquisa, que um ambiente, propenso a diálogos construtivos e que fomente a boa relação entre discentes e docentes é elemento essencial para o bom aprendizado e uma educação para a paz.

Destaca-se ainda, que a Educação é a principal ferramenta de transformação e evolução de uma sociedade, motivo pelo qual merece ser priorizada.

Acredita-se também, que foram contemplados os objetivos específicos da pesquisa quando se identificou os componentes essenciais da CNV e da Educação para a Paz, associando-os de igual forma.

Compreende-se que a realização deste estudo foi de grande contribuição para o aprofundamento de conhecimentos e, aspira-se, em um futuro próximo, dar continuidade, com a aplicação de instrumentos de coleta de dados e análises junto às comunidades escolares. Espera-se, por fim, que este trabalho venha a contribuir com os estudos de outros pesquisadores no embasamento de seus futuros trabalhos em diferentes campos do conhecimento.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)** - Nº 9.394. Brasília, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 09 de fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **BNCC – Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 09 de mar. 2021.

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz**: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. **Igreja**: Carisma e Poder. São Paulo: Ática, 1994.

CECCON, Cláudia; **Conflitos na escola**: modos de transformar: dicas para refletir e exemplos de como lidar. São Paulo: CECIP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2009. Disponível em: [https://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/projetossociais/conflitos\\_na\\_escola.pdf](https://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/projetossociais/conflitos_na_escola.pdf). Acesso em: 11 abr. 2021.

CÉZAR, Neura. **Educação para a paz**: uma questão de valor. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE. PUC – Pontifícia Universidade Católica de Curitiba. 7 a 10 de novembro de 2011. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5247\\_3915.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5247_3915.pdf). Acesso em: 08 dez. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALTUNG, J. **Twenty-five years of peace research**: Ten challenges and some responses. *Journal of Peace Research*, v. 22. 1985.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JARES, Xesús R. **Educação para a Paz**: Sua teoria e sua prática. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JARES, Xesús R. **Educação para a verdade e para a esperança**: Em tempos de globalização, guerra preventiva e terrorismo. Porto Alegre: Artmed, 2005.

JARES, Xesús R. **Educar para a paz em tempos difíceis**. São Paulo: Palas Athena, 2007.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LIMA, Marcos Antônio de. NASCIMENTO, Luiz Hermínio do. **Comunicação Não Violenta: reflexões sobre um novo método de abordagem e combate à violência verbal no ambiente escolar**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 09, Vol. 03, pp. 145-158. 2019. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/comunicacao-nao-violenta>. Acesso em: 08 de jan. 2021.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

PIMENTA, Jussara Santos. **Educar para a Paz**: construir o mundo que se espera. Revista Sociedade, Educação e Cultura, 53.ed., CIEE/Edições Afrontamento, 2018. Disponível em: [https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC53\\_Jussara.pdf](https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC53_Jussara.pdf). Acesso em: 19 mar. 2021.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação Não Violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

SERRANO, G. P. **Educação em valores** – como educar para a democracia. 2.Ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RITA, Francine Michele. DAGANI, Cassiane. SILVA, Everaldo da. **Comunicação não violenta e educação para a paz: ferramentas de diálogo para educadores do município de Brusque/SC no pós pandemia.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 2, p.14-34. TRI II 2023. ISSN 1980-7031.

SOUZA, Luciana K. **Educação para a paz e Educação Moral na prevenção à violência.** Psic. da Ed., São Paulo, 25, 2º sem. de 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n25/v25a08.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

STRECK, D.; REDIN, E. e ZITKOSKI, J.J.(Orgs). **Dicionário de Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.